

Trump, Harris e nós

País europeu, Portugal é também um país atlântico e interessa-lhe rentabilizar essa dupla pertença. Qualquer crise que obrigue a escolher um dos lados do Atlântico é contrária ao interesse nacional.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 18 de Setembro de 2024

Entre os preços do supermercado e a interrupção voluntária da gravidez, passando pelos tiroteios nas escolas, os americanos têm mais com que se preocupar do que com a política externa. Já se sabe: a política externa não dá votos. Mas as decisões eleitorais dos americanos têm um enorme impacto na vida quotidiana de todos nós. E, por isso, nós é que temos de nos preocupar com a política externa americana.

Harris e Trump representam duas Américas opostas. Dois mundos em confronto. E a vitória de uma ou de outro não é indiferente para nós: europeus e portugueses.

Harris significa uma América virada para fora, aberta ao mundo. Significa a continuidade da política externa americana, comum a republicanos e democratas, desde o segundo pós-guerra: a prioridade à liderança internacional dos EUA e à ordem internacional liberal que lideraram no Ocidente, durante a Guerra Fria e no mundo global, no pós- Guerra Fria. Uma ordem internacional assente em quatro princípios: a economia de mercado e o livre comércio; as alianças militares permanentes; a democracia liberal e os direitos humanos; e o multilateralismo e a uma ordem baseada em regras.

Trump, pelo contrário, significa uma América virada para dentro: “*América First.*” Significa o regresso a essa excepção na política americana que só Jackson, no século XIX, e Trump, no século XXI, perseguiram. A política externa jacksoniana considera os EUA uma “terra prometida”, constantemente ameaçada e que é preciso defender. Ameaçada pelos migrantes, fechando as fronteiras e construindo muros. Ameaçada pela tecnologia asiática e pelos carros europeus, levantando barreiras alfandegárias. Ameaçada por outras culturas, limitando direitos de minorias. O resultado é uma política externa proteccionista, no plano económico, nativista, no plano cultural, iliberal no plano político e, tendencialmente, isolacionista no plano internacional. E quando não isolacionista, sempre sob uma concepção transaccional das alianças e das instituições multilaterais.

O resultado das presidenciais americanas terá um enorme impacto sobre a ordem internacional, a relação transatlântica, a segurança europeia e o “nosso” interesse nacional. Concorde-se ou discorde-se, a vitória de Harris significará a continuidade das posições americanas na ordem internacional e, em particular, a estabilidade na relação com os aliados europeus. Pelo contrário, uma vitória de Trump significará disrupção e o regresso à política jacksoniana. Na ordem internacional, o abandono da prioridade da liderança mundial e o fechamento dos EUA sobre si próprios tenderia a acelerar o declínio americano e a agravar a crise da ordem multilateral. E como não há vazios na política internacional, a favorecer a emergência de uma ordem internacional pós- democrática, liderada pela China e pela Rússia.

As relações transatlânticas voltariam a conhecer dias difíceis. E não só no plano económico, porque a guerra das tarifas não seria só com a China, mas sobretudo no plano da segurança. Com a obsessão transaccional de Trump e as alianças reduzidas ao deve e haver, o artigo 5.º do Tratado do Atlântico Norte voltaria a estar em causa, a confiança entre aliados em crise e a NATO paralisada. As consequências para a segurança europeia seriam pesadas. Trump diz que acabaria com a guerra na Ucrânia mesmo antes de chegar à presidência. Nunca diz em que condições. Para a Ucrânia e para a segurança dos europeus. No momento mais crítico da segurança europeia desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a Europa poderia ver-se, estrategicamente, ameaçada a leste pela Rússia e abandonada a ocidente pelos EUA. Talvez se resolvesse, finalmente, a tratar da defesa a sério.

E no meio de tudo isto onde fica o interesse nacional? Parte do nosso destino está ligada ao destino europeu. Mas há interesses e valores próprios. Como todas as pequenas potências, Portugal tem interesse numa ordem internacional baseada em regras e assente no multilateralismo. É por isso que qualquer crise da ordem multilateral é contrária ao interesse nacional. País europeu, Portugal é, simultaneamente, um país atlântico e interessa-lhe rentabilizar essa dupla pertença. É por isso que qualquer crise transatlântica que obrigue à escolha entre um dos lados do Atlântico é contrária ao interesse nacional. Li a entrevista de um responsável político português que tinha dúvidas entre Harris e Trump. Não vale a pena. A escolha é entre estabilidade e disrupção. Entre centrismo moderado e extremismo radical. Entre salvar ou não o interesse nacional.

<https://www.publico.pt/2024/09/18/opiniao/opiniao/trump-harris-2104485>